

ESTIGMATIZAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL: COMO TRATAR ESTA QUESTÃO?

Aline Gomes Oliveira Sobrinho¹; Eduarda Barros Caetano¹; Fernanda Viana Siqueira¹; Raphaela Batista Ferreira Sales¹; Roberta Santos Moreira Leite¹; Sarah de Souza Ribeiro¹; Stefany Gomes Otal Pinto¹; Scheilla Rocha Ferreira²; Patrick Wagner de Azevedo² & Carla Aparecida Lourdes dos S. de Azevedo^{2}*

RESUMO

SOBRINHO, A.G.O.; CAETANO, E.B.; SIQUEIRA, F.V.; SALES, R.B.F.; LEITE, R.S.M.; RIBEIRO, S.S., PINTO, S.G.O.; FERREIRA, S.R.; AZEVEDO, P.W.; AZEVEDO, C.A.L.S. Estigmatização de pessoas com deficiência visual: como tratar esta questão? **Perspectivas Online: Humanas & Sociais Aplicadas**, v.8, n.23, p. 1-16,2018.

O presente artigo esboça como as experiências singulares dialogam com os discursos vigentes, que de forma homogeneizante podem tender a obscurecer as formas de pluralidades e diversidades. A cegueira e o estigma são explicitados pelas pessoas cegas, a partir de sua vivência e não sob a luz de representações discursivas. Os deficientes

explicitam sua experiência na condição de cegos e demonstram que discursos tecidos historicamente não traduzem a infindável gama de possibilidades de ser no mundo. Diante do encontro com um sujeito que é contingente, o que se materializa neste artigo é o sujeito a partir de si e não do simplesmente dado.

Palavras-chave: Estigma, Cegueira, Fenomenologia

ABSTRACT

This article outlines how singular experiences dialogue with the current discourses, which in a homogenizing way may tend to obscure the forms of pluralities and diversities. Blindness and stigma are explained by blind people, based on their experience and not under the light of discursive representations. The

disabled explain their experience as blind and demonstrate that historically woven discourses do not reflect the endless range of possibilities to be in the world. Faced with the encounter with a subject that is contingent, what materializes in this article is the subject starting from itself and not from the simply given.

Keywords: Stigma, Blindness, Phenomenology

¹Alunos Voluntários de Iniciação Científica PROVIC - Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA – Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil

²Institutos Superiores de Ensino do CENSA – ISECENSA – Rua Salvador Correa, 139, Centro, Campos dos Goytacazes, RJ, CEP: 28035-310, Brasil.

(*) e-mail: carlazevedo1@yahoo.com.br

Data de recebimento: 23/07/2018. Aceito para publicação: 21/12/2018.

1. INTRODUÇÃO

Neste trabalho, pretendemos ampliar a compreensão de como os discursos de verdade sobre cegueira e estigma dialogam entre si e aparecem na experiência dos sujeitos, produzindo modos de ser no mundo e estigmatizações.

Refletir sobre deficiência é pensar num contexto social ainda arraigado de pensamentos e expressões que denotam exclusão, incapacidade que são estereótipos que promovem formas de marginalização dos deficientes, retirando ainda destes o poder de gerir a sua própria vida, no sentido de realizar as escolhas que lhe permitirão sentir-se com potência existencial. Foucault (2010) quando comenta sobre a condição de dependência que um indivíduo pode se encontrar, lançando-o numa situação de minoridade diante da vida, ou seja, numa incapacidade de servir-se de seu próprio entendimento, cita a presença dos "diretores de consciência" (p.29) que se materializam na figura da teoria (livro), do especialista e do detentor de uma moral que legitimamos (familiar, representante religioso etc) e que vão decidindo e prevendo como o incapacitado deve ser e viver.

Os discursos proferidos numa linguagem que se perpetua através do dito e do não dito desenham, a todo instante, modos de perceber e ser no mundo, permitindo que se naturalize de forma a não se abrir qualquer questionamento sobre, por exemplo, o que Aristóteles (2012) disse sobre a obtenção do conhecimento através do sentido da visão,

"... de todos os sentidos, é a visão o que melhor contribui para o nosso conhecimento das coisas e o que revela uma multiplicidade de distinções..." (p.41)

Nesse sentido, vão se justificando, em relação à cegueira, posturas que minorizam os deficientes visuais e lhes causam constrangimentos sociais que não se veem como inconcebíveis.

Na "filosofia da diferença" de Deleuze (2000) que recusa "uma diferença já determinada como negação" (p.117) e que nos convida a pensar que "a diferença é objeto de afirmação, ela própria é afirmação" (p.117), estamos à frente, como nos narra os entrevistados de um grande exercício psicosocial de pensar a deficiência, ser cego, apenas como uma possibilidade de ser no mundo e não como uma categoria identitária, homem cego, mulher cega, que reduz o sujeito à deficiência que possui e restringe as possibilidades de expressar e realizar suas escolhas existenciais. A resposta sobre qual é a melhor forma de tratar a questão da estigmatização dos deficientes visuais vem do entrevistado Zé das Couves (pseudônimo) quando diz:

"A cultura no mundo, a cultura em relação à cegueira, porque tem muita gente que tem doutorado, tem pós-doc, tem conhecimento, mas não conhece merda nenhuma sobre o cego e acha que conhece. (...) Informação, ela é ótima e maravilhosa e tem que ter sim, eu estou dizendo que o estigma pode diminuir muito através da informação, para a pessoa não ser mais ignorante, mas se a pessoa tiver a oportunidade de conviver, de ter algum contato com o cego, acho que isso é muito benéfico."

Esta narrativa convida-nos a nos despirmos dos significados que vamos construindo a partir das nossas vivências, e torna - se necessário distanciarmo-nos de toda e qualquer resposta que não contemple as discussões, reflexões daquele que vive o que se pretende pesquisar. Explicitar a experiência das pessoas com deficiência, é a justificativa fundamental deste trabalho, pois, via de regra, estas pessoas não são ouvidas, e o que elas vivem, é desconsiderado. Vemos teorias e explicações que determinam quem elas são e como deveriam viver. Para encontrarmos a experiência singular, lançamos mão do método fenomenológico, que suspende teorias e discursos prévios e nos abre os sentidos fundamentais que atravessam o modo de ser no mundo das pessoas que entrevistamos.

A pesquisa surgiu de um incômodo, particularmente meu, professor, pesquisador, psicólogo e cego pós - adolescência, que estudioso da abordagem fenomenológica, comecei a discutir com outros professores componentes do grupo de pesquisa sobre processo de estigmatização (Núcleo de Estudos em Processos de Estigmatização - NEPE/ISECENSA) e alunos de iniciação científica, como ainda persiste todo um comportamento e pensamento fundados num contexto que invisibiliza toda a gama de vivências e experiências e reduz a condição de ser cego a leituras que remetem a incapacidade, dependência, enfim, limitações que são postas como experimentadas por todos os cegos, desconsiderando as singularidades que poderiam ser expressadas pelas narrativas das pessoas cegas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada, metodologicamente, a partir da combinação do método fenomenológico com a cartografia, de forma qualitativa, ou seja, como pontuam Jardim e Pereira (2009), buscou-se uma compreensão mais profunda do tema a ser estudado, a partir do olhar do pesquisado, sendo importante ressaltar que não houve preocupação com avaliação estatística. Ao estarmos no campo, indo ao encontro do nosso público alvo, pessoas cegas de nascença e após a adolescência, o que nos norteou, foi o compromisso de descrever a realidade que se apresentava, a partir da ferramenta da entrevista semiaberta nos afastando de qualquer intenção, como salienta Merleau - Ponty (1999), como importante no método

fenomenológico, de "explicar" o conteúdo narrado por estas pessoas. "O real deve ser descrito, não construído ou constituído" (Merleau - Ponty, 1999, p.05). E percorrendo este caminho, o que primamos foi pela experiência de cada uma das pessoas cegas que participou da pesquisa, o sentido que elas desvelam diante da facticidade e historicidade de estar no mundo. Como pontua Bicudo (2000), na pesquisa qualitativa fenomenológica, não se trabalha com categorias oriundas de teorias e sim com "unidades de significado" (p.81) que aparecerão a partir da totalidade das falas transcritas, num processo de repetição de respostas, onde o pesquisador buscará os invariantes que indicam essências. Assim, o método fenomenológico não perde de vista os objetivos que norteiam a pesquisa.

A cartografia tornou - se relevante, uma vez que, de acordo com Kastrup (2012), estamos diante de um método que "Trata sempre de investigar um processo de produção..." e que "têm em vista descrever, discutir e, sobretudo, coletivizar a experiência do cartógrafo". (p.32) A presente autora ao se deter sobre a pista "funcionamento da atenção" não vincula atenção a um objetivo a ser alcançado, mas sim a um "gesto de deixar vir" (p.38) onde o encontro que será proporcionado com a entrada no campo permitirá que o cartógrafo não fique aprisionado a qualquer "regime cognitivo organizado" (p.39) e perceba que tudo no campo merece atenção, ser registrado. Sendo importante ressaltar, que o campo foi o território existencial das pessoas que foram entrevistadas.

2.1. INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS

A pesquisa foi submetida ao comitê de ética, número do CAAE 70531617.8.0000.5524. Foram realizadas entrevistas semiabertas, com um roteiro pré-definido construído a partir de uma fundamentação fenomenológica. Foram realizadas dez entrevistas, gravadas e transcritas na sua integralidade, com garantia de anonimato, utilização de pseudônimos, com 05 homens e 05 mulheres. Todos os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Outrossim, os entrevistados foram 10 pessoas cegas (homens e mulheres) com 18 anos ou mais em plena capacidade civil, sendo 05 pessoas cegas de nascença e 05 pessoas cegas pós - adolescência. O compromisso foi que as entrevistas ocorressem no ambiente existencial dos entrevistados, como por exemplo, casa, local de trabalho, local de lazer. Adotamos o gravador, o caderno de campo para anotação das impressões que nos afetaram e de possíveis informações relevantes, pois como estrangeiros, exploramos o ambiente através de olhares e escutas. Com relação ao aporte teórico, a revisão sistemática de literatura, foi o conhecimento que caminhou horizontalmente com a experiência narrada pelos entrevistados, ou seja, exploramos teorias e pesquisas de forma a nos ajudar a refletir, mas não permitimos que modelos representacionais se sobrepusessem, ou desqualificassem, ou tentassem capturar com explicações generalizantes a gama de possibilidades de ser no mundo, retratadas pelos entrevistados.

Adotamos, nesta pesquisa, a compreensão de cego trazido por Martins (2006), quando diz que:

"defino as pessoas cegas como aquelas que são socialmente identificadas como tal, o que, grosso modo, se conflui com as pessoas que não conseguem tirar partido da visão para a execução de qualquer atividade." (p.130).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 CEGUEIRA E FENOMENOLOGIA : O QUE SE DESVELA NA VIVÊNCIA

Ao discutirmos discurso sobre cegueira, numa abordagem fenomenológica, precisamos salientar qual é o horizonte histórico que se desenha sobre ser cego e que propicia a criação situacional da preponderância da visão como a aptidão que possibilita o conhecer e o domínio de todas as percepções necessárias à condição humana. Martins (2006) pontua que estamos imersos num "centrismo visual"(p.49) vigente no mundo ocidental, onde a representação dominante oriunda do pensamento grego é a associação entre ver e conhecer. Fundados nesta hierarquia de sentidos, criamos uma ideia de destino, que sobredetermina e fixa os cegos numa condição essencializada de tragédia, infortúnio, valores que despotencializam ações e realizações dentro da própria vida. Mariana, uma das entrevistadas, ilustra o que foi dito acima e nos permite desconstruir a ideia da visão como sentido preponderante quando disse que:

"Eu acho que algumas pessoas, não as mais próximas, mas as que eu convivo um pouco... com menos... mais esporadicamente, né. Que as pessoas entendessem que a deficiência visual, ela é um.. uma... um, ela tem que ser encarada como um detalhe. Você não pode é... a pessoa com deficiência tem direito, tem vontades, tem desejos, tem dependências, tem limitações, é... físicas ou...ou emocionais como todo mundo, então isso não é inerente a deficiência."

A nossa reflexão não consiste em negar a condição de ser cego, mas pensar como a consolidação de verdade ou verdades sobre esta condição, vai se constituindo e se cristalizando no microcosmo e no macrocosmo, a ponto de criar um lugar definido, onde todas as narrativas que vão de encontro ao discurso que sedimenta este lugar, mesmo que seja dos que vivem esta condição, são deslegitimadas. Neste caminhar, o conceito de cego que utilizamos nesta pesquisa foi elaborado por Martins(2006):

"defino as pessoas cegas como aquelas que são socialmente identificadas como tal, o que, grosso modo, se conflui com as pessoas que não conseguem tirar partido da visão para a execução de qualquer atividade." (p.130)

Historicamente a condição de cego está remetida a inferioridade em relação a quem não possui deficiência, o vidente. Afirmar "sou cego" é demonstrar que esta condição também constitui o indivíduo e não, como aprioristicamente tentam fazer, o reduz. É preciso, como as narrativas dos nossos entrevistados tentam explicitar, que ver esta condição, a partir do que eles descrevem sobre o que vivenciam, é verdadeiramente conhecer. A fala de Estrela, transcrita abaixo, quando fala sobre como sente sua vida, nos ajuda a pensar sobre um fundamento importante da fenomenologia, "voltar às coisas - mesmas" (Holanda,2014, p.51).

“(...) eu me acho uma pessoa normal, apesar das limitações, sou normal. (...) eu consigo fazer tudo sozinha, eu moro sozinha, já fui casada, mas sou separada já tem 10 anos. Eu moro sozinha, lavo, passo, cozinho, como qualquer pessoa normal, vou ao centro, faço minhas compras, pago minhas contas, normalmente sem dificuldades(...)”

Ressaltamos esse fundamento, pois numa atitude natural, científica, objetificadora, não se percebe que o homem/mulher não estão separados do mundo que estão imersos. Homem/mulher estão em relação com o mundo e que, claro, o ser humano é um ser em relação. Através desta compreensão, podemos perceber que as coisas não são simplesmente dadas, o fenômeno não tem um significado em si, e sim que se desvela como sentido, experiência, que nos acontece. O fenômeno (aqui a cegueira), é experienciado de diversos modos por distintas pessoas. Evidentemente, há um horizonte histórico que irradia sentidos configuradores a respeito do fenômeno cegueira, mas o Dasein é ser no mundo e seu mundo apresenta caráter também de singularidade e apropriação de sentidos.

Trazer a condição de ser cego para o centro do debate, possibilita que nos deparemos com duas verdades instituídas no pensamento ocidental, verdade como adequação e verdade como desvelamento. A verdade como adequação, verita, floresce na Idade Média e consolida a ideia de que o ente é simplesmente dado e deve-se buscar uma "adequação" entre a essência própria do ente e o conceito que a representa. Na verita, ao lançarmos mão de uma metodologia "correta" poderemos encontrar o que o ente é propriamente, independente da história e de quem o observa. Já na verdade como desvelamento, aletheia, surgida com os gregos, a verdade está intimamente ligada a physis, o que se desvela, o que se mostra por si mesmo. Os entes não são nada propriamente, o que eles são é intimamente dependente do horizonte histórico a que estão submetidos. Tudo que há é "iluminado" por um horizonte que constitui,

diz o que são os entes. Aqui podemos nos referir a outra ideia grega, logos. Logos é o que reúne, colhe e recolhe e, portanto, cria as hierarquias e determinações constituidoras de tudo que existe.

Como neste trabalho nos referimos à cegueira, podemos dizer que a cegueira não é propriamente nada. Antes de tudo, devemos perguntar sob que horizonte histórico "olhamos" para o fenômeno cegueira. Sim, perguntarmos a partir de qual horizonte, pois neste trabalho a verdade como alheteia, desvelamento é nosso guia. Assim, questionamos os entrevistados como a cegueira é para eles, como ela se desvela para cada um dos que a vive.

Como salienta Holanda (2014), não podemos desconsiderar a importância de associar o fenômeno, neste caso, a cegueira, daquele que a experiencia concretamente. Um dos entrevistados, cujo pseudônimo é Atleta, nos ajuda a refletir, quando menciona:

“(...) eu sinto a minha vida normal dentro da minha limitação e eu reconhecendo minhas dificuldades (...) dentro das pessoas consideradas normais, hoje em dia nem todos têm a graduação que eu tenho (...) eu procuro sempre não me sentir incapaz, quando acontece de precisar de alguma coisa, de alguma ajuda, eu sempre procuro mostrar o meu lado positivo(...)”

Esta vivência desconstrói o nosso olhar que pode estar insistindo em perceber o discurso sobre a cegueira, como um discurso verita, de verdade como adequação, onde a teoria sobrepõe à experiência, onde o que é, atravessa a história numa fixidez que perpassa o tempo de forma absoluta.

Quando um deficiente apenas vive a sua vida realizando relativamente o que sonha, tal condição de "vida" realizada" mesmo com a deficiência visual é lida muitas vezes como um feito extraordinário e o não deficiente sustenta um estupefatoamento com ar de "maravilhamento" com tal êxito existencial. Trata-se de um modo de pensar bem simples, aliás, como todo preconceito: como a deficiência visual é algo devastador, incapacitante, aniquilador de possibilidades existenciais, o êxito existencial, mesmo que relativo, é um feito extraordinário de pessoas extraordinárias. Como salienta Mariana:

"A sociedade vê muito o deficiente como um herói que faz tudo e que qualquer coisinha que faz, até subir uma escada, ou chegar num lugar, sabe, sozinho, ou pegar uma coisa sozinho, é... é uma coisa assim "UAU", muito digna de admiração, ou então o coitado, né, que é aquela pessoas "ah, coitado, não ta vendo se... se eu não enxergasse não sei como faria, seria muito triste porque não posso fazer as coisas", e não é assim."

Nem herói, nem coitado, como apareceu em outros relatos, o que importa, quando nos afastamos de visões dicotômicas sobre os acontecimentos, é como vive -se a existência, a partir da condição de ser cego. É a existência que ao dialogar com a multiplicidade, desvela os muitos "eus" que constituem o ser e, neste desvelamento, o ser não cabe no "é" e sim no "e". O que nossos entrevistados dizem sobre si, sou homem, sou mulher, sou mãe, sou filho, sou professor, sou aluno, sou católico, sou ateu, sou casado, sou separada, sou cidadã, sou normal, sou, sou ..., sou também cego, é tudo que cada um foi trazendo como parte do seu ser, de sua vida. Como nos narra Estrela:

“(...) já fui casada, mas sou separada já tem 10 anos... eu moro sozinha,(...)”

Certamente, afirmar a deficiência como um modo de ser no mundo vai de encontro ao que é socialmente visto como normal. Olhar para esta sutil situação, é podermos compreender que cegueira e estigma se retroalimentam de forma que afirmar-se na diferença, ainda é observado como ser hierarquicamente inferior e não como possibilidade, diversidade. E como uma característica negativa, a deficiência é licenciada para hegemonicamente capturar todos aqueles que nela couberem. Assim, os membros do grupo social vão alimentando o estigma com atitudes como menciona Estrela:

“Ele (pai dela) achava que eu não tinha capacidade de aprender, na cabeça dele, ele achava que cego ia depender eternamente, dependente das pessoas, então quando o seu M queria me colocar na escola, ele recusou , ele não queria que eu fosse, porque ele achava que eu não ia aprender, que eu não ia ter condições de aprender mesmo (...) hoje eu não dependo de ninguém”

Falar de desvelamento e, sobretudo, na vivência, é compreender fenomenologicamente que cada sujeito pode passar por experiências de exclusão, estigmatização, de formas diversas e, mais, que cada experiência afeta de modo distinto os indivíduos. É compreender que o discurso sobre cegueira e estigma não tem a mesma face em todos os grupos, sobretudo, no microcosmo como família, religião etc que estamos inseridos. Cada individuo percebe, tem consciência do seu entorno e de suas vivências. O que estamos primando é o "como" o sujeito percebe o mundo de acordo com os seus sentidos. Sendo importante apontar que o mundo de significados que atravessa o sujeito, se apresenta em sua vida privada, nas suas relações. E como diz Merleau - Ponty (1999):

"Não precisamos temer que nossas escolhas ou nossas ações restrinjam nossa liberdade, já que apenas a escolha e a ação nos liberam de nossas âncoras." (p.612)

3.2. PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO: CARTOGRAFANDO ESSE TERRITÓRIO

Considerando que não podemos falar de existência se não negarmos a presença de um sujeito a-histórico, torna-se de suma importância que pensemos estigmatização como algo da ordem do cultural, de uma aprendizagem que está sujeita a variâncias, produz sentidos que se ressignificam ao longo da nossa existência. Estamos diante de um processo, que como um caminho, nos demonstra que ele é contínuo, que nos permite traçar em nossas vidas, mudanças e permanências. Assim, o tempo vai desafiando valores, crenças, moralidades que vamos construindo, mas a história é testemunha da mutabilidade desses pilares que um dia nos sustentaram. Como seres em relação com o mundo que estamos imersos, a ação de estigmatizar não está dissociada das práticas sociais que fazem parte das nossas relações fundadas num contexto histórico. Não podemos literalmente fechar os olhos sobre compreensões que nos ilustram que um determinado fenômeno pode ser vivenciado de formas diferentes numa mesma sociedade, só que em tempo distinto. Falar da cegueira no tempo dos gregos, era ver sobre o prisma da sabedoria, o que muda de sentido com o advento do Cristianismo, quando o cego passa a ser visto como o esmolante cujo objetivo único de sua vida era ser curado.

Ao refletirmos em cartografar esse território, pensamos em explicitá-lo. Pensamos que o olhar que nos conduziria, seria o olhar daquele que não vê, pois que sem esse olhar poderíamos ser completamente incapazes de apreender como se dá o processo de estigmatização. Dizemos isso, porque muito são os momentos que acreditamos que o que faz parte do nosso mundo, é como deveria ser nos mundos que vamos ao encontro. No entanto, esses encontros vão nos permitindo descobrir que há mundos possíveis que são diversos aos nossos; que os outros mundos são apenas outras possibilidades, diferentes. Caminhando por essa trilha, percebemos que nós nos vemos, muitas vezes confrontados com as nossas crenças, quando ouvíamos as narrativas, que nos convidavam a desconstituir as estruturas do nosso saber viver.

- Pesquisadora: "vc gostaria de voltar a enxergar?"

- Vascaíno (pseudônimo): "para dirigir."

- Pesquisadora: "só para isso?"

- Vascaíno: "é muito bom a gente dirigir, teria outras coisas, mas o principal seria isso com certeza. Seria a primeira coisa que eu

iria fazer, tiraria a carteira, porque o resto dá para fazer tranquilo"

Esse encontro foi muito rico, nos sentimos afetados, pois o que nos norteava, era poder receber respostas que falassem sobre mudança de vida e quando ele veio com "para dirigir", parecia algo tão mínimo para se querer voltar enxergar, que a resposta que uma de nossas pesquisadoras retruca ao perguntar, "só para isso?", não podemos esconder, eram o sentimento e o pensamento que permeavam os pesquisadores que estavam naquele dia fazendo a entrevista de trabalho do "Vascaíno". Externalizamos esse afeto depois na reunião do grupo, pois nos vimos tomados pelo discurso estigmatizador que, previamente, já considera que ser cego é algo devastador, extremamente limitante, e seria "razoável" que uma pessoa com deficiência visual desejasse uma transformação muito mais ampla de sua vida. Desse modo, mesmo em se tratando de pesquisadores, simplesmente parecia surpreendente que um deficiente quisesse apenas, "só isso", "dirigir".

O distanciamento que o estigma constitui em relação à normatização que promovemos sobre os sujeitos e nossas relações com estes, nos permite compreender como vamos ampliando a deficiência deste indivíduo. Como nos diz Goffman (1988, p.15), "tendemos a inferir uma série de imperfeições a partir da imperfeição original(...)".

"muitos lugares que a gente chega, por exemplo, vou pagar uma conta, aí dei o dinheiro e as pessoas que vão me dar o troco, entregam para pessoa que está junto comigo" (Vascaíno)

O relato acima transcrito, nos abre para uma outra possibilidade que em muitos momentos fica invisibilizada, o empreendimento de forças que o estigmatizado faz para não ver toda a potencialidade de sua vida cotidiana reduzida ao estigma e seu discurso, por ter a deficiência que tem. O relato de Flamengo sobre a relação de superproteção que a irmã dele tem com ele, mesmo ele tendo uma vida independente e viver sozinho, nos ilustra essa reflexão.

"(...)eu tenho uma irmã que vai muito na minha casa e eu reclamo com ela que ela me paparica muito e eu não gosto de superproteção, me deixa inseguro. Ela fala para todo mundo que eu não sei fazer isso, não sei fazer aquilo, porque ela quer fazer para mim, aí eu digo para ela, eu sei fazer sim, você vem, porque você precisa de alguma coisinha, algum trocado e eu te dou esse trocado, mas eu sei fazer(...)"

Precisamos salientar que não estávamos diante de sujeitos que não sabiam de suas limitações devido à cegueira, como nos narra Atleta:

"(...) pra você ter noção, por exemplo, voltando na parte de cuidar de criança, a gente precisa de uma pessoa que enxerga para pingar o remédio em gota. E tem coisas que realmente precisa da visão, mas muito coisas, na maioria dos casos não precisa, não precisa pra viver não. Só nas questões mais é. que você não tem como nem saber pelo tato(...)"

Mas o que interessa-nos é poder problematizar a representação sobre a cegueira que remete a uma ideia comumente de não poder, não conseguir, enfim, de não realização. O próprio Atleta, no seu relato, explicita isso quando ele resolveu casar com uma mulher cega e depois terem duas filhas.

"(...) Uma amiga falou, mas não diretamente. É falar com uma pergunta como, como é que vocês conseguem viver juntos? Pra mim, já dão a entender que já acham. Que já tem dúvida ali. pra mim falou, mas não falou diretamente. Como falar, (Atleta) você não vai conseguir viver com uma pessoa que não enxerga. (...) pra não afirmar e ficar feio e criar um clima ruim, então pensa que é melhor perguntar, que vai ficar mais fácil(...)"

A ação de estigmatizar é um processo, cujo entendimento que esses encontros nos proporcionaram, é que não há uma essência nem a ser alcançada e nem a ser combatida, pois o ato de estigmatizar é fluido, ele não tem uma forma fixa, ele aparece no mundo do sujeito e é quando ele se desvela, na sua multiplicidade, como é a nossa existência, que ele vai sendo combatido. E, quando dizemos processo, é porque queremos explicitar que estamos diante de algo contínuo e, portanto, diante de um caminho que vai se desenhando de novas formas, nos convidando a observar o contexto histórico tanto no macrocosmo como no microcosmo. A percepção de que esse sujeito estigmatizado é contingente, é histórico promove uma abertura de que não estamos mais falando desse processo de estigmatização sob a ótica de que o estigmatizado se virá sempre subjulgado, mas que, apesar dos inúmeros afetos que o despotencializam, esse sujeito, nos seus encontros, também já se sente capaz de promover diálogos com esse outro (o estigmatizador), bem como também viver, mesmo indo de encontro ao discurso desse outro que tenta enredá-lo.

3.3. COMO TRATAR ESTA QUESTÃO?

Neste item, queremos que esta questão seja respondida pelos que vivem o processo de estigmatização. O conhecimento que esse artigo pretende produzir, é a partir do que os nossos entrevistados narraram quando eles foram perguntados "como tratar a questão da estigmatização?". A academia nos proporciona um arcabouço de ferramentas que nos ajuda a pensar sobre as temáticas sociais que afligem a pessoa com deficiência. Nos permite refletir que normatizar biologizando comportamentos, mascara a percepção de um saber que é relativo, varia no tempo e de cultura para cultura e que é passível de se contradizer, quando tenta classificar humanos de forma a aprisioná-los em categorias, como se fossem objetos

estáticos e, conseqüentemente, não engendrassem, não criassem novas formas de ser, de se rearranjar a partir do estabelecido. De acordo com Canguilhem (2000, p.113), "não existe fato que seja normal ou patológico em si". Portanto, falar sobre o que é considerado normal, é compreender que estamos diante de um julgamento de valor instituído na sociedade, através de discursos que perpassam as instituições e a vida dos sujeitos. Mas por outro lado, não poderíamos nos furtar do que Martins (2006) nos aponta, ou seja, que estamos diante de outros discursos (medicina, religião, filosofia, cultura etc) que, ao longo dos anos, permitiram leituras sobre a cegueira como incapacidade, dependência, improdutividade, enfim, tudo que permitisse uma compreensão de vida como tragédia. Desconsiderando qualquer espaço para se pensar a partir da experiência do próprio cego.

Mas na pluralidade da vida, o que se abre é o que Resende (2008) nos fala sobre o corpo sem órgãos. Corpo que é compreendido como um "corpo instituinte"(2008, p.69) que se produz na experiência, mas também não perde a dimensão que nos constituímos em corpo organismo, onde os padrões sociais são estabelecidos e tentam nos reger. No entanto, o corpo sem órgão não se paralisa nestes padrões, não deixa parar o fluxo do devir, é um corpo que vai se criando no plano de imanência. Como diz Merleau - Ponty(1999), é na existência que criamos modos de existir. Portanto, como menciona Deleuze (2000), "a infelicidade de se falar não está em falar, mas em falar pelos outros ou representar alguma coisa" (p.116).

Contudo, como menciona Goffman (1988), no seu estudo sobre Estigma, é necessário que observemos que a sociedade promove a criação de modelos sociais de forma a permitir a criação de categorias que vão limitando as pessoas e, conseqüentemente, produzindo as suas identidades sociais. Nessa tessitura, todos aqueles que são considerados "diferentes", deixam de ser notados na sua totalidade e passam a ser percebidos pelas marcas / estigmas que os distanciam das expectativas sociais sobre a compreensão do que é ser "normal". A partir da necessidade de se criar um diálogo entre a vivência e os saberes que são proferidos sobre as vivências no mundo, que optamos por dar voz aos que vivem a estigmatização da cegueira, para que nos indiquem que caminho devemos tomar para refletir sobre como tratar esta questão da estigmatização de pessoas com deficiência visual. Em respeito ao que eles quiseram que soubéssemos sobre que resposta a dar a esta questão, transcrevemos abaixo e convocamos os leitores que deixem as representações que tinham sobre a cegueira e possam ser atravessados por rerepresentações promovidas por estes encontros.

"Eu acho que as pessoas têm que parar de olhar para o cego com pena e olhar mais para ele como uma pessoa normal, porque vidente trata a gente como coitados às vezes." (Princesinha)

"É nossa participação que a gente tem na sociedade de forma geral, no mercado de trabalho. É você estar envolvido nos setores da sociedade." (Vascaíno)

"Eu acho que depende de cada deficiente. Ele primeiro precisa se superar, ele tem que se auto-aceitar e encarar a realidade frente a frente e não depender dos outros, porque o que

existe muito na sociedade é o cego mochila, aquele cego que só sabe andar pendurado nos outros e cada um tem a sua vida(...)" (Flamengo)

"Pela mídia, porque a mídia hoje em dia nos ensina tudo. A mídia que manda as pessoas cortarem o cabelo curto(...) depois que os cegos começaram a passar em novelas, por exemplo, que melhorou um pouco para gente(...) Ou, então, uma coisa que melhora muito, é uma coisa ruim que vou ter que dizer,(...) quando acontece de uma autoridade ter um filho deficiente, ajuda; mas a gente não quer isso para ninguém, mas ajuda(...), mas o mundo funciona baseado nisso, através das mídias." (Atleta)

"Eu acho que a pessoa tem que ser aberta não só a deficiente visual, mas a todo tipo de deficiência." (Estrela)

"Olha, eu acho que só há uma solução para melhorar esse aspecto que é a questão da convivência, por mais que você faça estudos, por mais que tenham artigos falando que as pessoas com deficiência são normais, são capazes de fazer muitas coisas de pessoas ditas normais fazem, só que se não houver convivência, a real entre as pessoas com deficiência, eu acho que vai continuar tudo com a teoria." (Rosa)

"Com o conhecimento. Disseminar o conhecimento.(...) Tem um cara na (falou o nome de uma Universidade), tem um professor que eu não vou falar o nome dele não, mas ele conhece bastante sobre os cegos, mas é um cara que fica muito na teoria. (...)eu estou dizendo que o estigma pode diminuir através da informação, para a pessoa não ser mais ignorante, mas se a pessoa tiver a oportunidade de conviver, de ter algum contato com o cego, acho que isso é muito benéfico" (Zé das Couves)

"Mais informação, conversa, são o..., o..., hoje em dia tem muitos que são deficientes e estão sem socialização em casa, a gente sabe que tem muito deficiente visual aqui em Campos que não frequenta escola, que não frequenta nada, não vai a lugar nenhum. Não só deficiente visual como outras deficiências também." (Vanderlea)

"Apoiar sem muito proteger. A superproteção atrapalha, até para sentar seguram a gente, dar banho... vem com muito delicadeza... a falta de informação de como lidar com um cego é muito grande" (Estrelinha)

"É, eu falei um pouco desses diagnósticos entre aspas que a gente tem né, do herói, do coitado, da pessoa que não precisa fazer. Deixa que eu faço pra você, ou, ah, nossa como é que você pode fazer isso? Ah, você não precisa andar sozinha, alguém tem que andar com você, alguém tem que te pagar para você ficar em casa. Sabe, eu acho que o que precisa muito é informação da sociedade.(...) ter realmente educação plena de qualidade e aí a pessoa tendo essa educação, ela vai saber que, vai conhecer os seus direitos, vai refletir, vai ter todos esses benefícios que a educação dá, né.(...) vai poder ter mais autonomia, vai poder ocupar espaços. Então a pessoa com deficiência ocupando esses espaços da escola, do trabalho, nos espaços de

lazer, nos espaços de cultura, isso vai acabando mais com os estigmas, porque a inclusão vai se tornando mais natural." (Mariana)

4. CONCLUSÕES

Os discursos de verdade, cegueira e estigma dialogam entre si e se retroalimentam, constituindo papéis e identidades que vão se cristalizando e quando tais identidades são questionadas, quando a rebeldia existencial irrompe, quando uma nova disposição afetiva se desvela, os lugares familiares, fixos e monótonos estremeçam e podemos ver novas formas de ser no mundo desabrochando e insistindo em lutar por novos encontros, novas relações, novos amores e até novas dores. E quando não conseguimos ver o diferente como apenas diferente, vamos criando discursos que justificam o lugar que queremos sustentar, a partir de hierarquias, e determinações que tentam paralisar o devir, o fluir livre e criador de sentidos. A presente pesquisa nos possibilitou observar o quanto somos cegos aos outros. O quanto vamos invisibilizando e homogeneizando a pluralidade de formas de ser, quando reduzimos o sujeito à categoria estigmatizada que o colocamos, cego. No entanto, o que essa pesquisa nos desenhou, foi que afirmar-se como cego, era desconstruir a ideia de uma categoria que pudesse dar conta de falar de todos os cegos, como se os cegos tivessem as mesmas demandas, os mesmos desejos, os mesmos querer. Não, ao contrário, afirmar-se como cego, foi poder termos encontros com várias formas de ser no mundo, produção de subjetividade e singularidades.

Temos a convicção que só conseguimos realmente "ver" o diferente quando estamos com ele, quando estabelecemos verdadeiros encontros rizomáticos que deixam de fora o que é prévio, pré-concebido. Só assim podemos estar num lugar não familiar, por vezes angustiante, estranho, mas criativo, pluralista, desvelador que nos apresenta uma pessoa, alguém que pode nos fazer esquecer a deficiência que desaparece por detrás de uma pessoa. Assim, pode ser que realmente comecemos a "ver".

5. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. São Paulo: Edipro, 2012.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia: confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

CANGUILHEM, Georges. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2000.
- FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros: Curso no college de France (1982-1983)**. São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia e Humanismo: reflexões necessárias**. Curitiba: Juruá Editora, 2014.
- JARDIM, A. C. S; PEREIRA, V. S. **Metodologia Qualitativa: É possível adequar as técnicas de coleta de dados aos contextos vividos em campo?** In: CONGRESSO SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E SOCIOLOGIA RURAL, 47., 2009, Porto Alegre. Disponível em: < <http://sober.org.br/palestra/13/392.pdf> > Acesso em 16 de junho de 2017.
- KASTRUP, Virgínia. **O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo**. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. , ESCÓCIA, L. (orgs.). **Pistas do Método da cartografia: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2012, pp. 32-51.
- KASTRUP, Virgínia et alli. **Cartografar é acompanhar processos**. In: PASSOS, E., KASTRUP, V. , ESCÓCIA, L. (orgs.). **Pistas do Método da cartografia: Pesquisa – intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2012, pp. 32-51.
- MARTINS, Bruno Sena. **E se eu fosse cego?: Narrativas silenciadas da deficiência**. Lisboa: Edições Afrontamentos, 2006.
- MERLEAU - PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MORAES, Márcia O. et alli. **Variações sobre ver e não ver: dois relatos de casos**. In: Arq. bras. psicol. , vol 63, n1. Rio de Janeiro, 2011.
- NICHOLSON, Linda. **"Interpretando o gênero"**. *Revistas Estudos Feministas*, v.08, n.02. Florianópolis: UFSC, 2000, pp 09 - 41.
- RESENDE, C. **A escrita de um corpo sem órgãos**. In: *Fractal: Revista de Psicologia*, v.20 - n1, jan/jun 2008, pp 65 - 76.